



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



**UFSC NA MÍDIA - CLIPPING
28 e 29 de julho de 2012**

Notícias do Dia - Luiza Gutierrez

"Vapt-Vupt"

Milton Nascimento / Turnê 50 Anos de Carreira / Centro de Cultura e Eventos da UFSC



Diário Catarinense - Cacau Menezes

"Festival"

Unisul Festival / Alunos da UFSC / Greve



Diário Catarinense - Estela Benetti

"Prêmio Stemmer"

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de SC – Fapesc / Centro Administrativo / Prêmio Stemmer de Inovação



Diário Catarinense

Visor

"Nova praça"

Curso de Arquitetura da UFSC / Praça Santos Dumont / Trindade



Diário Catarinense

Serviço

"Erva-mate"

Laboratório de Pesquisas em Lipídeos, Antioxidantes Naturais e Aterosclerose da UFSC / Erva-mate / Colesterol

Erva-mate - O Laboratório de Pesquisa em Lipídeos, Antioxidantes Naturais e Aterosclerose da UFSC está cadastrando voluntários para mais uma etapa de investigação dos benefícios da erva-mate. O estudo necessita de pessoas com colesterol alto. Informações: edson@ccs.ufsc.br.

Cultura

DIÁRIO CATARINENSE

SÁBADO, 28 DE JULHO DE 2012 - Nº 488

(48) 3216-3591 > E-mail: variedades@diario.com.br Diagramação: Keli Cumerlatto

Contestador

Obra publicada pela Editora da UFSC coloca em dúvida o mérito das elites acadêmicas francesas

NORBERTO DALLABRIDA*

A reflexão ou a obra sociológica de Pierre Bourdieu tem como questão de fundo a análise da produção das desigualdades sociais. Os diferentes objetos investigados por esse enervante sociólogo francês, como a visitação aos museus, o campo científico, sistemas de ensino, uso sociais da fotografia, obras de arte e a televisão buscam compreender a distribuição desigual dos bens econômicos e cultural na sociedade capitalista na segunda metade do século 20.

Bourdieu elaborou conceitos originais e operacionais para explicar a gestão das diferenças sociais. Em primeiro lugar, deve-se destacar o conceito de capital cultural, que se apresenta em três estados. O capital cultural em estado incorporado refere-se a disposições duráveis no organismo, que são plasmadas a partir de um trabalho de inculcação, realizado, sobretudo, na atmosfera familiar. Em *Os Três Estados do Capital Cultural*, o sociólogo francês afirma que "o capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da pessoa, um *habitus*". Enquanto que o capital cultural no estado objetivado é constituído por bens culturais na forma material, como livros, obras de arte e acervos virtuais. No estado institucionalizado, ele é formado por certificados e diplomas escolares, sendo também chamado de capital escolar.

As análises de Bourdieu pensam o espaço social formado por campos, "microcosmos sociais" que têm autonomia relativa, constituídos por leis, jogos e capitais específicos. Para Nogueira e Nogueira, "o conceito de campo é utilizado por Bourdieu, precisamente, para se referir a certos espaços de posições sociais no qual determinado tipo de bem é produzido, consumido e classificado". Os campos são marcados, necessariamente, por disputas pelo controle e legitimação dos bens produzidos e classificados, de forma que, no seu interior, há relações de força entre "posições dominantes" e "posições inferiores" ou pretendentes. Em relação ao campo escolar, além de vários artigos científicos, Bourdieu escreveu quatro obras que desconstruíram a tradição meritocrática, de corte republicano, do sistema de ensino na França. Em 1964, em parceria com Jean-Claude Passeron, ele escreveu *Os Herdeiros: Os Estudantes e a Cultura*, que aborda as faculdades de Letras da França, na década de 1960, procurando mostrar como a origem social e geográfica dos alunos condiciona os seus percursos escolares. Esse trabalho constata que, enquanto os estudantes de classes abastadas têm

uma atitude diletante em relação à cultura escolar, os alunos das camadas médias/populares pautam-se pelo esforço e ascetismo na realização de seus estudos superiores. Os primeiros herdaram uma "atmosfera cultural de família", adquirida por meio da frequência sistemática aos museus, teatros e cinemas, da leitura de livros e revistas e da convivência cultivada no círculo familiar e social. Essa familiaridade com os bens da cultura legitimada confere aos filhos das elites "privilégio cultural", que os distingue dos outros alunos das faculdades de Letras e faz a diferença no seu desempenho universitário.

Cinco anos depois, instigados pelo movimento de 68, esses filósofos-sociólogos publicaram *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*, obra enervante sobre os mecanismos reprodutivos do sistema de ensino francês, que teve impacto singular na sociologia da educação na França e em vários países. O objetivo desse trabalho é "determinar os fatores sociais e escolares do êxito da comunicação pedagógica pela análise das variações do rendimento da comunicação em função das características sociais e escolares dos receptores". Trata-se de uma compreensão diferenciada da recepção da mensagem pedagógica que varia de acordo com o volume de capital cultural escolarmente rentável dos alunos de diferentes frações de classe social. Diante das desigualdades sociais retraduzidas pelo sistema escolar, Bourdieu-Passeron sugerem um ensino contínuo e metódico que eleve o nível de recepção daqueles alunos com desvantagens culturais, que não deve confundir-se com o "rebaixamento puro e simples do nível de emissão".

É importante anotar que, na França, as universidades são instituições de massa, abertas aos jovens que são aprovados no BAC – exame obrigatório no final do ensino médio – e as grandes escolas são instituições de ensino superior de elite, cujo ingresso é feito por concurso público muito concorrido.

Três anos antes da sua morte, em 2002, numa entrevista concedida para Maria Andréa Loyola, Bourdieu afirmou:

– Continuo a pensar que o sistema de ensino contribui para conservar. Insisto sobre o que contribui, o que é importante. Não digo, reproduz; digo contribui para conservar.

O sociólogo procurou compreender "a rigidez do mundo", indicando que, apesar de esforços e de avanços políticos, a democratização social é um desafio complexo.

* Professor da Udesc e co-autor do livro *A Escola da República*



Pierre Bourdieu, sociólogo francês

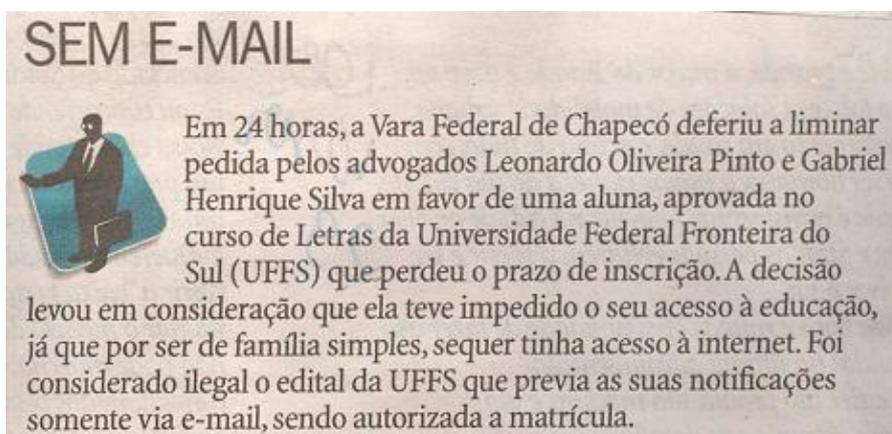
AFP

Diário Catarinense

Visor

"Sem e-mail"

Vara Federal de Chapecó / Aluna do Curso de Letras / Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS / Matrícula via internet



Diário Catarinense

SC no Planalto

"Vai esperando"

Campus da UFSC em Blumenau / Ministério da Educação / Décio Lima / Aloizio Mercadante / Greve dos professores



Diário Catarinense

Serviço

“Pesquisa em games”

1º Seminário de Pesquisas em Games da UFSC / Inscrições / Centro de Comunicação e Expressão da UFSC

Pesquisa em games - Estão abertas até 17 de agosto as inscrições para apresentação de trabalhos no 1º Seminário de Pesquisas em Games da UFSC. O encontro será realizado nos dias 1º e 2 de outubro, no Auditório Henrique Fontes, do Centro de Comunicação e Expressão da UFSC. Informações: spg.ufsc@gmail.com.

Diário Catarinense

Cacau Menezes

“Espaços públicos”

Praça Desterro / Espaços públicos / Professora de Urbanismo da UFSC Margareth Pimenta

Espaços públicos

Reportagem da RBS TV mostrou uma praça que nunca existiu. Espaço que desde 1990 previa a Praça Desterro, entre as ruas Conselheiro Mafra e Francisco Tolentino, em Florianópolis, se tornou um estacionamento informal para funcionários públicos.

É comum voltarmos do exterior impressionados com a vivacidade de algumas cidades. Isso se chama bom uso dos espaços públicos e não acontece por milagre, mas porque profissionais planejaram e a questão não é tida como um riponguismo eleitoralmente infrutífero, como por aqui.

Ligo para a professora de urbanismo da UFSC e doutora pela Universidade de Sorbonne, Margareth Pimenta, para conversar a respeito. “Todas as praças centrais de Florianópolis são antigas”, lembra. O pouco que há de bons espaços públicos, diz, é forçado pela população, que “joga futebol nas rótulas” e “se apropria do que dá”, caso do estreito espaço da Avenida Beira-Mar destinado ao lazer. Os bem-sucedidos Parque de Coqueiros e Horto Florestal do Córrego resultam de esforços de moradores.

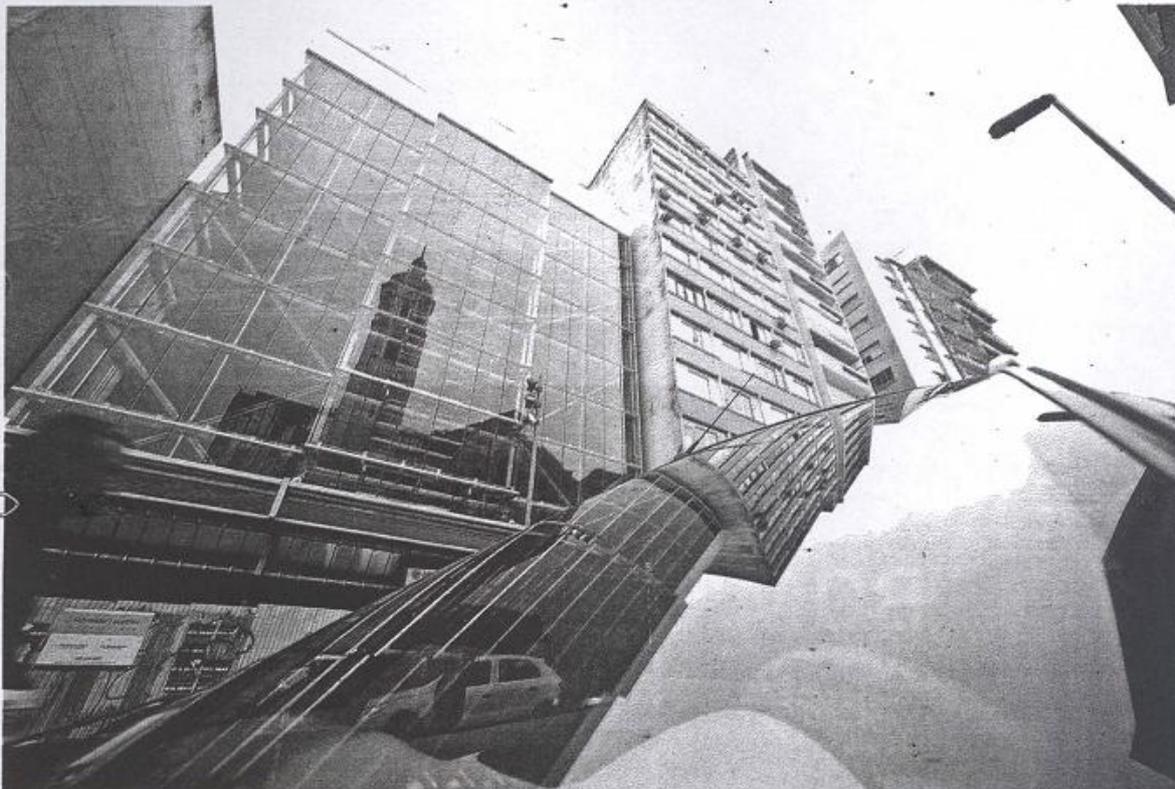
Pergunto se no quesito espaço público estamos melhores ou parecidos com dez anos atrás. “Estamos piores”, afirma, “porque esses espaços não crescem na mesma velocidade da cidade”.

“Vaga fácil: Robô faz a manobra na hora de estacionar”

Florianópolis / Edifício-Garagem automatizado / Ministério Público / I-Park estacionamento Inteligentes SA / Plataformas automatizadas / Engenheiro de Controle e Automação Luan Young / UFSC / Paulo Guimarães / Colégio de Aplicação da UFSC / IPUF / Werner Krauss

24 Geral

DIÁRIO CATARINENSE, DOMINGO, 29 DE JULHO DE 2012



Edifício-garagem totalmente robotizado, que foi idealizado por Paulo Guimarães, terá fachada de vidro e movimentação dos veículos poderá virar uma atração no Centro de Florianópolis

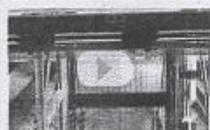
VAGA FÁCIL

Robô faz a manobra na hora de estacionar

Edifício-garagem automatizado, com tecnologia desenvolvida por catarinense, está em construção no Centro da Capital



diario.com.br



> Assista ao vídeo sobre o edifício-garagem

ROBERTA KREMER

Os motoristas de Florianópolis terão que esperar um pouco mais para poderem estacionar seus carros no primeiro edifício-garagem automatizado e aberto 24 horas por dia.

A obra foi embargada pela Justiça, a pedido do Ministério Público, determinando a suspensão do contrato entre o Estado e a I-Park Estacionamentos Inteligentes SA. A obra já havia sido embargada há um ano, por suspeita de irregularidades na modalidade concorrência pública, já que o terreno é do Estado. A empresa não retornou contatos da reportagem para falar sobre a decisão da Justiça. Quando resolvida a

questão, quem vai manobrar os veículos até as vagas serão 15 robôs gerenciados por um cérebro eletrônico. Esta tecnologia revolucionária para o Brasil, e até para o mundo, é cem por cento catarinense.

O prédio fica próximo da Catedral Metropolitana de Florianópolis e tem 256 vagas. O aproveitamento do espaço feito com estrutura metálica, no terreno de 1,3 mil metros quadrados, é incomparável ao antigo estacionamento onde cabiam 28 veículos.

Além de ter capacidade para receber mais carros, o diferencial está no modo de controlar e armazenar os veículos pelos oito andares do prédio.

Os automóveis serão estacionados por robôs, não do tipo humanoide, mas uma espécie de plataformas automatizadas. Três deles ficam nas

cabines, outros quatro são do sistema de elevação e o restante recebe os carros nos andares e levam até as vagas. A estrutura pode guardar até três carros ao mesmo tempo.

A possibilidade de movimentar diversos veículos no mesmo momento é uma inovação. Existem tecnologias parecidas em outros locais do mundo, mas são sequenciadas, ou seja, levam ou trazem um carro de cada vez – explica o diretor de tecnologia da I-Park, Paulo Guimarães, que patenteou a ideia.

O motorista deixa o carro em uma das três cabines e o restante das manobras é feita pelos robôs. Segundo Guimarães, não há interação humana durante o estacionamento, que leva no máximo 70 segundos. Os únicos atendentes são os que fazem

a cobrança, isso se o motorista não quiser pagar no guichê eletrônico.

– Existe um cérebro eletrônico que faz a gestão dos robôs e, com isso, ganhamos tempo – diz Guimarães.

Tanta inovação na Ilha é encarada como uma oportunidade de desenvolvimento para jovens profissionais que atuam no projeto. O engenheiro de controle e automação Luan Young é o responsável por programar os robôs. Formado na Universidade Federal de Santa Catarina, seu primeiro emprego foi na I-Park, há cinco anos.

– É uma oportunidade de lidar com equipamentos de última geração. Difícilmente na Região da Grande Florianópolis conseguiria trabalhar com robótica – acredita.

ENTREVISTA

Paulo Guimarães Diretor tecnológico da I-Park

“Toda a minha vida é dedicada à invenção”

O edifício-garagem robotizado é mais um projeto de um catarinense visionário. O diretor tecnológico da I-Park, Paulo Guimarães, nasceu em Joinville e veio para Florianópolis ainda criança. Como muitos moradores da Ilha, cursou o científico – equivalente ao ensino médio – no Colégio de Aplicação, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Apaixonado por tecnologia desde criança, aos 17 anos se lançou no desafio de fazer ciências da computação, na Universidade de Oklahoma, nos Estados Unidos. Ele se considera um autodidata e tem participações em mais de 30 invenções patenteadas. Nesta entrevista, Guimarães fala sobre suas criações e destaca a de um computador de mão que acabou com o uso de papel entre os negociadores da Bolsa de Mercadorias e Futuros de Chicago (EUA).

Diário Catarinense – Como surgiu esse talento para as invenções? É algo que vem desde a infância?

Paulo Guimarães – A minha vida tem sido dedicada à inovação. Por natureza, gosto de criar coisas. Aos oito anos ganhei um jogo de engenheiro eletrônico do meu pai e, daí para frente, comecei minha paixão. A mudança de paradigma para mim é fundamental. Sinto prazer em buscar soluções inteligentes para problemas comuns.

DC – Que tipo de produto o senhor já inventou?

Guimarães – O primeiro produto que criei foi um equipamento para transmissão de dados, em 1985. As empresas e o governo usavam canais fornecidos pela Embratel, que custavam muito caro. Então, criei o multiplexador de linhas, que tinha a capacidade de incluir o volume de informações de vários canais em um só. Vendemos para bancos e empresas. Também criei o prompt (comandos). Antes, os traders – negociadores das bolsas de valores – preenchiam boletos de papel nas rodas de negociação. Eu achava o processo moroso e gerava desperdício de papel. Encontrei uma solução através de computadores de mão. Funcionava de forma wireless, isso há 20 anos. A bolsa de valores do Brasil e de Chicago (EUA) utilizaram o sistema. Um outro produto que patentamos internacionalmente há 15

anos foi o islate, uma prancheta eletrônica multimídia, que hoje equivale ao Ipad.

DC – Como ocorre o processo de criação?

Guimarães – Sou muito observador, fico andando por aí vendo coisas, leio muito também. As ideias surgem naturalmente e algumas po-nho em prática, como foi o caso do estacionamento robotizado.

DC – Como foi a concepção do edifício-garagem?

Guimarães – Morava em Miami e quando voltei para cá em 2007 e reencontrei um amigo de infância, o Ricardo Brandão, dono de uma empresa de torres de transmissão de energia elétrica. Ele me disse: você tem uma ideia para fazemos algo juntos? Comecei a pensar e percebi que existia uma grande dificuldade de encontrar estacionamentos nas cidades, cenário ideal para construção de estacionamentos verticais, desde que inteligentes. Quando a gente entra em uma garagem convencional enfrenta várias dificuldades. Tem que subir e descer rampas até encontrar uma vaga, não sabe onde deixou o carro, é uma poluição tremenda. Isso tudo pode ser resolvido com a robotização.

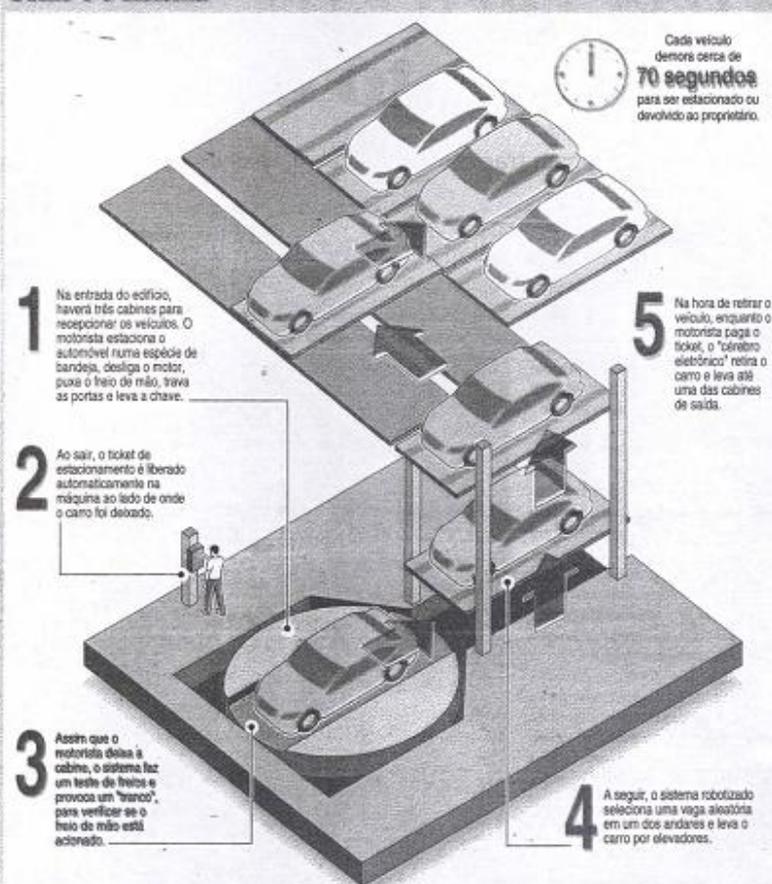
DC – O senhor saiu do Brasil para estudar em 1977. Se tivesse 17 anos hoje, acredita que precisaria se formar em outro país?

Guimarães – Apesar de muitas reclamações, temos universidades fantásticas no Brasil. A nossa faculdade de Mecânica na UFSC é respeitada no Exterior. Não temos todos os recursos como nos Estados Unidos, mas acredito que o governo vem buscando essa melhoria para as universidades brasileiras. A equipe que trabalha comigo, apesar de ser pequena em seu tamanho, diria que é enorme na sua capacidade. São jovens engenheiros, a maioria formada em Automação, Mecatrônica, e boa parte deles formadas na UFSC.

DC – Existem pessoas que têm ideias revolucionárias, mas não conseguem pôr em prática. Qual é a receita de concretizar projetos tão interessantes?

Guimarães – Primeiro é acreditar. Muitas vezes as pessoas chamam pessoas visionárias de sonhadores, o que é um equívoco. Algumas pessoas conseguem enxergar mais a frente. Segunda dica é a persistência, terceira é a habilidade de compor um plano de negócios que mostre ao investidor o resultado que essa nova solução pode trazer. Não adianta só criar o produto, é preciso justificar o porquê esta invenção é viável.

Como é o sistema



ESTACIONAMENTOS INOVADORES PELO MUNDO



Estados Unidos
tome móvel. Os veículos ficam em prateleiras e são colocados ou retirados por uma só torre.



Japão
sistema de carrossel. Cada carro é colocado sobre uma placa e eles giram como uma roda gigante.



Luxemburgo
subterrâneo. O motorista deixa o carro numa plataforma e o elevador desce à procura de uma vaga.



Itália
uma série de gaiolas surge do chão, o motorista estaciona na vaga e a plataforma desce.



Israel
o motorista posiciona o veículo numa plataforma metálica e o sistema estaciona em uma vaga disponível.

Fonte: UFSC

Balé de veículos para a plateia

WERNER KRAUSS
Pesquisador da UFSC

“

A tecnologia do edifício-garagem é muito interessante, mas contribuiria mais com a mobilidade urbana se fosse inserido em local afastado da área central, próximo das estações de embarque de transporte coletivo para integração com o uso de ônibus.

As paredes de vidro trazem um aspecto futurista ao edifício-garagem, que já chama a atenção em uma área repleta de prédios históricos. Se a arquitetura é atraente, outro diferencial é que a obra conta com selo verde.

Os conceitos de sustentabilidade são aplicados no baixo consumo de energia. A movimentação de um carro gera o mesmo gasto de uma lâmpada de 180 watts por 70 segundos.

A operação dos veículos é feita com os motores dos carros desligados, evitando poluição do ar. O prédio tem aproveitamento da água da chuva, iluminação e ventilação natural. Não há risco de o motorista ficar sem retirar seu carro por falta de luz na região, pois o sistema conta com

um gerador auxiliar próprio.

No prédio de 10 andares, sendo oito de garagens, o subsolo receberá uma galeria de nove lojas, banheiros e caixas eletrônicas para trazer comodidade aos motoristas.

O estacionamento vai atenuar o problema de vagas no Centro. Conforme o Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (IpuF), existem 8 mil vagas de Zona Azul, para uma demanda de 200 mil veículos.

O professor Werner Krauss, pesquisador de sistemas inteligentes de transportes da UFSC, considera que seria interessante o município investir em edifícios-garagem para substituir a Zona Azul por calçadas mais largas e ciclovias.

CLIPPING DIGITAL

G1 – Santa Catarina
Notícias

[Alunos da UFSC finalizam projeto para revitalização de praça em SC](#)

Curso de Arquitetura da UFSC / Praça Santos Dumont / Trindade / Bar do Pida / Secretaria
Executiva de Serviços Públicos – SESP